



## Brasil chegou a vez das Anas, Terezas e Dalvas: reflexões sobre Racismo junto às idosas do Programa Renascer - HUGG<sup>1</sup>

*Brazil is time for Anas, Terezas and Dalvas: reflections on Racism among the elderly old women of the Program Renascer - HUGG*

Camila Velasco Loureiro<sup>2</sup>  
Carolina Rubano de Oliveira<sup>2</sup>  
Erick José Gonçalves dos Santos Silva<sup>2</sup>  
Graziele Lima de Oliveira<sup>2</sup>  
Mariana Teixeira da Paz<sup>2</sup>  
Marta Claudia Silva de Oliveira<sup>2</sup>  
Thaís da Silva Santos<sup>3</sup>  
Vanessa Bezerra de Souza<sup>4</sup>

### Resumo

O presente trabalho visa relatar as atividades realizadas pelo projeto de extensão "Luz, Câmera, Ação: a presença das relações de gênero e racismo no cinema" no Programa Renascer no Hospital Universitário Gaffrée e Guinle. O programa tem o caráter multidisciplinar e envolveu estudantes de teatro, medicina, enfermagem, direito, nutrição, e serviço social. As atividades realizadas pelo projeto "Luz, Câmera, Ação no Programa Renascer" buscaram levar debates sobre gênero e racismo para idosas através de filmes. Esses debates tiveram o intuito de conduzir temas muito discutidos no meio acadêmico para além dos muros da universidade, gerando uma troca mútua de aprendizado.

**Palavras-chave:** Racismo. Gênero. Cultura. Extensão. Sociedade.

---

<sup>1</sup> Este trabalho é dedicado a todas as idosas que compartilharam com a equipe do Projeto de Extensão: "Luz, Câmera, Ação: A presença das relações de gênero e do racismo no cinema", suas histórias de vida, com afeto, compromisso e acolhimento.

<sup>2</sup> Discentes na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - camivelasco31@gmail.com, carol\_rubano@hotmail.com, erick.erick2012@gmail.com, grazieleferrero@gmail.com, marianatpaz@hotmail.com, marta75.oliveira@gmail.com.

<sup>3</sup> Bacharel em serviço social na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - thdsilvasantos@gmail.com.

<sup>4</sup> Docente na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - vsouza76@gmail.com.



## Abstract

The present work aims to report the performed activities in the extension project LUZ, CÂMERA, AÇÃO: the presence of gender relations and racism in cinema, at the Renascer Project situated at the University Hospital Gaffée e Guingle. The project had a multidisciplinary character and involved students in Theater, Medicine, Nursing, Law, Nutrition, and Social Work. All the activities carried out through the LUZ, CÂMERA, AÇÃO in the Renascer Project sought to bring debates about gender and race to elderly women through films. These debates were intended to take much debated subjects in the academic environment beyond the walls of the university, generating a mutual exchange of learning.

**Keywords:** Racism. Gender. Culture. Extension. Society.

## 1 Introdução

Criado em 2014, o projeto de extensão “Luz, Câmera, Ação: a presença das relações de gênero e racismo no cinema”, tem como principal objetivo democratizar a discussão das pautas e questões de racismo, sexualidade e gênero. O “Luz, Câmera, Ação”, está vinculado à Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. Baseando-se no tripé ensino, pesquisa e extensão, o “Luz, Câmera e Ação” tem como objetivo levar os debates para a sociedade que muitas vezes fica à margem de assuntos discutidos no meio acadêmico.

O projeto visa a criação não só de diálogo, mas de vínculos com a sociedade que vão além do conteúdo acadêmico, em que ocorre uma troca de experiência inestimável entre os estudantes e a sociedade. Utilizando-se de filmes, vídeos, músicas e longas e curtas-metragens, o “Luz, Câmera, Ação”, visa possibilitar um debate acessível, abrangendo questões relevantes do cotidiano da nossa sociedade, buscando disseminar para as mais diversificadas camadas da população pautas necessárias, contribuindo assim com a transformação social.



## 2 Programa Renascer<sup>5</sup>

O Programa Interdisciplinar de Promoção à Saúde e Qualidade de Vida do Idoso – Grupo Renascer, funciona no Hospital Gaffrée e Guinle (HUGG), e está vinculado à UNIRIO. Em sua maioria, composto por mulheres acima de 55 anos residentes do Rio de Janeiro e possuindo cerca de 500 idosos registrados.

A participação no grupo estimula a qualidade de vida e serve como espaço de socialização. Os idosos geralmente se sentem muitos sozinhos e procuram o grupo para participarem das atividades, mas também para fazerem novos amigos e trocar experiências.

O trabalho é realizado por uma equipe multidisciplinar que promove atividades de estimulação cognitiva e motora, consultas de enfermagem, acompanhamento psicológico, atendimento médico e social, orientação nutricional, dança, artesanato e artes cênicas para terceira idade.

Além disso, o grupo oferece palestras sobre os mais diversos temas com especialistas convidados e promove o curso de atualização em envelhecimento, aberto ao público e voltado para profissionais de saúde e alunos de graduação nos últimos períodos da faculdade.

O Renascer envolve os três eixos da universidade: ensino, pesquisa e extensão. Os projetos contam com a participação de alunos de teatro, medicina, enfermagem, direito, nutrição e serviço social, que qualificam sua formação acadêmica com a prática profissional. O programa elaborou uma cartilha do idoso, que foi lançada em 2016, tratando de temas inerentes à terceira idade, como direitos do idoso, controle de doenças, memória e depressão.

---

<sup>5</sup> O trabalho desenvolvido pelo Projeto de Extensão: “Luz, Câmera, Ação: A presença das relações de gênero e do racismo no cinema” junto às idosas do Programa Renascer não seria possível sem a autorização, apoio e parceria da equipe do Programa e sobretudo de sua coordenadora Maria Lucia Carneiro dos Rios Ferreira – nutricionista, e da assistente social Heliane Ribeiro Senna Dias, a quem agradecemos imensamente.



Em 2019, a equipe de serviço social criou uma cartilha sobre racismo visando gerar interesse dos idosos sobre esse tema. Ademais, o projeto de extensão “Luz, Câmera, Ação” se juntou ao Renascer através de uma parceria, com a proposta de discussão sobre racismo e viabilizou os debates das dinâmicas propostas junto às usuárias, a fim de eliminar esse tipo de preconceito.

### 3 A questão do racismo e os debates realizados no Programa Renascer

O Brasil, assim como tantos outros países das Américas, também utilizou de força de trabalho negra escravizada. Os primeiros escravizados africanos vieram sequestrados logo nos primeiros anos de colônia, no século XVI (PRADO, 1984), e esse modelo de exploração máxima de trabalho perdurou durante os ciclos econômicos. Somente um ano antes da Proclamação da República, em 1888, teve fim a escravização de negros, tornando o Brasil o último país no mundo a abolir a força de trabalho escravizada.

As elites brasileiras, além de conservadoras e racistas, tinham um caráter dependente dos países estrangeiros, e essa dependência econômica se traduzia também nos anseios e receios de fatores externos. Um dos medos da classe dominante brasileira era do “Haitianismo” (SAMPAIO, 2016). Logo, a abolição ocorreu de forma lenta e gradual, visando a perpetuação do poder das classes dominantes e priorizando seus interesses.

O bárbaro sistema escravocrata submetia os escravizados negros a uma violência extrema, na qual ocorriam agressões, torturas, estupros e assassinatos. A violência também ocorria no âmbito cultural e religioso, o que pode ser observado nos dias de hoje, quando a cultura e as religiões de matriz africana sofrem preconceito e apagamento histórico.



Nesse contexto de consolidação do capitalismo mundial, o Brasil sofreu com a apropriação do racismo no âmbito da exploração do trabalhador. Como cita Heleieth Saffioti:

Com a emergência do capitalismo, houve a simbiose, a fusão, entre os três sistemas de dominação exploração, acima analisados separadamente. Só mesmo para tentar tornar mais fácil a compreensão deste fenômeno, podem-se separar estes três sistemas.

Na realidade concreta, eles são inseparáveis, pois se transformaram, através deste processo simbiótico, em um único sistema de dominação-exploração, aqui denominado patriarcado-racismo-capitalismo (1987, p. 60).

A exploração da força de trabalho negra ocorre como exército de reserva (GONZALEZ, 2018) onde, na prática, o negro após a abolição continuou sendo explorado e marginalizado. Essa exclusão e marginalização perdura até os dias de hoje, com diversos reflexos na sociedade, desde o acesso à educação e saúde, até o encarceramento em massa de jovens negros.

A manutenção da escravização feita pela classe dominante perdurou por mais de três séculos, e a consequência disso perdura até os dias de hoje. De acordo com o artigo “As novas formas de expressão do preconceito e do racismo”, de Lima e Vala (2004, p. 402):

O racismo constitui-se num processo de hierarquização, exclusão e discriminação contra um indivíduo ou toda uma categoria social que é definida como diferente com base em alguma marca física externa (real ou imaginada), a qual é ressignificada em termos de uma marca cultural interna que define padrões de comportamento.

Dentre essas violências, uma das camadas mais vulneráveis da sociedade acaba sendo a mulher negra (GONZALÉZ, 2018). Isso é demonstrado também na forma como mulheres negras são desvalorizadas no mercado de trabalho. Trata-se da existência de uma herança histórica que sempre coloca as mulheres negras em espaços ligados ao serviço doméstico, em espaços de cuidado: a babá



que cuida dos filhos das patroas ou aquela que, em casa, cuida dos irmãos e mais tarde cuida dos próprios filhos.

No cenário brasileiro, o racismo se manifestou ao longo dos anos e as mulheres recebem uma série de rótulos que são reforçados pela mídia, mas passam despercebidos, sendo naturalizados no senso comum. Como consequência disso, as mulheres negras, na maioria das novelas, recebem papéis de empregadas domésticas, escravas, mulheres sofredoras que, por vezes, também têm uma imagem objetificada e sexualizada.

Nos debates promovidos no Renascer, as idosas perceberam que atualmente as mulheres negras ocupam mais papéis de destaque nas novelas. Elas veem mulheres negras como advogadas, delegadas, professoras e repórteres, dentre outras profissões de destaque.

O racismo se expressa de várias maneiras no Brasil, mas com base em alguns depoimentos e textos utilizados pela equipe, percebemos que o racismo cordial é o mais frequente. Uma das idosas relatou que já teve tratamento diferenciado dentro da própria família por conta desse fator e relatou ainda que um dia, ao sair com sua irmã, foi confundida como uma babá.

#### **4 Atividades desenvolvidas pelo projeto de extensão “Luz: Câmera, Ação” junto às idosas do Programa Renascer**

Durante dez semanas do ano de 2019, o projeto de extensão “Luz, Câmera, Ação: a presença das relações de gênero e racismo no cinema” elaborou oficinas para serem executadas com participantes do Programa Renascer dando origem ao curso “Cine Debate e o racismo no Brasil”.

As oficinas eram divididas em cinco momentos: 1) introdução com músicas; 2) dinâmica; 3) exibição da mídia audiovisual; 4) debate sobre o que foi exibido e 5) exibição de um videoclipe. Parte fundamental da metodologia



aplicada era trazer conteúdos nacionais para que houvesse uma maior aproximação e assimilação dos eventos retratados com as vivências dos participantes. Outro fator importante a ressaltar é que, por mais que não fosse uma obrigatoriedade da execução do curso, todas as frequentadoras de nossos encontros eram mulheres.

Durante os minutos iniciais, era tocada uma *playlist* com músicas de estilos diversos, mas com a temática da questão racial brasileira como ponto de ligação para já acontecer uma ambientação. Foram trazidas também dinâmicas, ora antes da exibição, ora depois, para que o grupo se familiarizasse ou refletisse sobre questões trazidas pelos filmes ou pela própria dinâmica em si.

Em nosso primeiro encontro, durante a dinâmica do barbante, muitas das participantes apresentaram histórias de suas jornadas de trabalho iniciadas ainda na infância. Trouxemos como diferencial não só a construção de ambientes acolhedores, como também pautados pelo diálogo de maneira horizontal. Adotamos como instrumento a escuta qualificada, norteadas pelos princípios ético-políticos da profissão de serviço social. A etapa seguinte, onde ocorriam a problematização e a exposição das situações vivenciadas pelas idosas, foi guiada para o debate respeitando sempre a autonomia das usuárias.

Antes da exibição dos longas e curtas metragens, era feita uma breve apresentação do material a ser exibido. Devido ao tempo dos encontros, o material era dividido em duas partes e o ponto de abertura para o diálogo era a questão racial no Brasil. Nos encontros foram apresentados os filmes: *O dia de Jerusa* (2014), *Cores e botas* (2010), *Quanto vale ou é por quilo?* (2005), *Presos provisórios* (2017), *A negação do Brasil* (2000) e *O xadrez das Cores* (2004).

A exibição do filme *Quanto vale ou é por aquilo?* (2005) foi dividida em dois encontros. Esse filme trouxe muita indignação e reflexão sobre a forma com que os escravizados eram tratados, como mercadorias, e como isso ainda reverbera atualmente. Durante o debate, as idosas foram perguntadas sobre o entendimento referente aos filmes, e as respostas deixam em evidência a



profunda reflexão sobre suas próprias vidas e das pessoas que convivem com elas. A título de ilustração, destacamos as seguintes falas das participantes:

“entendo de que precisamos conhecer nossa história pra podermos nos defender de ataques racistas.” D. 80 anos

“não gostei da parte em que ela vende os escravos como se fossem mercadoria.” T.88 anos

Já outra participante, trouxe a história de uma moça que já foi empregada em sua casa e, contando sobre outros empregos, relatou que comumente o seu almoço eram os restos deixados nos pratos dos outros patrões.

Percebe-se então, a importância do resgate histórico na vida dessas mulheres para compreenderem o silenciamento que muitas viveram por tanto tempo e a importância de se posicionarem quando o assunto é questão racial e de gênero.

No final de cada encontro, a coordenadora do projeto “Luz, Câmera, Ação” fazia dinâmicas em grupo para observar o quanto todo o debate foi produtivo e esclarecedor para todos os participantes.

Na dinâmica de encerramento, foi proposta a frase “Primeira palavra que vem na cabeça quando pensamos nas oficinas ocorridas sobre racismo”, e as palavras mencionadas pelas idosas foram as seguintes: entendimento, preconceito, amor, justiça, humanidade, somos todos iguais, futebol, estruturante, injustiça, vergonha e estrutura.

Outra dinâmica bastante produtiva, dentro de todas que foram trabalhadas, foi aquela em que foram distribuídos alguns papéis com frases e expressões racistas, tais como: “negro de traços finos”, “ter um pé na cozinha”, “magia negra”, “nego”, dentre outras.

Essas expressões, fruto do racismo estrutural, mostram o processo de naturalização em que somos expostos diariamente e que estão presentes em nossas vidas diariamente. Com isso, o “Luz, Câmera, Ação” objetivou trazer





elementos fundamentais para o debate sobre a questão racial, bem como sobre as ferramentas para combater tal preconceito em nosso cotidiano.

## 5 Considerações Finais

O Brasil, sociedade que se constituiu a partir da colonização, genocídio e superexploração da população indígena e negra escravizada, segue sob a égide do mito da democracia racial.

A estratégia de embranquecimento da população brasileira determinou o apagamento da contribuição da população negra na construção de nossa história. O racismo estrutura as relações sociais em vigor até os dias atuais e precisa ser combatido e superado.

O projeto de extensão “Luz, Câmera, Ação: presença das relações de gênero e do racismo no cinema” lança mão de diversas manifestações artísticas, sobretudo da produção cinematográfica, como estratégia para a reflexão e desconstrução deste que é um marcador social que expõe grande parte de nossa população a diversas formas de violência, exclusão, exploração e até à morte.

Ao desenvolvermos nossas ações junto às idosas do Programa Renascer, foi possível, a partir dos seus relatos de experiências, confirmar a presença do racismo em suas vidas. Uma das idosas, neta de uma ex-escravizada, compartilhou a história de sua avó que ainda criança teve dois dedos decepados por não ter executado o trabalho da maneira que o “sinhozinho” ordenou. Ela também relatou ter sofrido toda a sorte de preconceitos raciais ao longo de sua vida em sua função de ser uma trabalhadora doméstica.

A troca de experiências e vivências proporcionada pelas oficinas entre a equipe do Projeto de Extensão, a equipe do Programa Renascer e as idosas transformou cada um de nós. Ao implementarmos as atividades de maneira, lúdica e horizontalizada, foi possível construir um conhecimento coletivo a



respeito da presença do racismo em nossas vidas e da importância de o superarmos com o objetivo de vivermos numa sociedade livre de toda forma de preconceito, exploração e discriminação.

O serviço social brasileiro possui um código de ética profissional que tem como princípio o reconhecimento da liberdade como valor ético central. Ele traz a necessidade do debate a respeito da liberdade em seu sentido substantivo, e não em seu sentido abstrato.

A liberdade referida pela nossa profissão é aquela que considera a possibilidade de o indivíduo realizar escolhas diante de condições concretas e reais de fazê-las. Ao nos reportarmos às experiências vivenciadas pelas idosas do Programa Renascer, fica patente que elas nunca tiveram liberdade de escolherem sobre seus próprios destinos. Estes foram ditados por sua condição de classe, de gênero e étnico-raciais, o que as levou a casamentos não desejados, a terem um número de filhos superior ao desejado, a trabalharem em ambientes que as humilhavam e exploravam. Tais situações nos levam ao segundo princípio do código de ética: a defesa intransigente dos direitos humanos.

Para o conjunto de assistentes sociais, socializar reflexões a respeito do racismo contribui para a defesa da liberdade e dos direitos humanos da população atendida.

A ampliação e consolidação da cidadania e a defesa do aprofundamento da democracia, princípios também presentes em nosso código de ética constam no nosso ponto de vista nas oficinas realizadas junto às idosas do Programa Renascer.

Ao propiciar reflexões a respeito de seus direitos, foi possível ampliar a conscientização das idosas sobre sua condição de cidadãs, que como tais, podem ser protagonistas de suas próprias histórias.

O posicionamento a favor da equidade e justiça social também estiveram presentes nas atividades desenvolvidas, ao demonstrarmos, a partir das



reflexões, o quanto a sociedade brasileira tem como desafio a superação das desigualdades sociais, incluindo as desigualdades raciais.

O empenho na eliminação de todas as formas de preconceito, incentivando a participação de grupos socialmente discriminados, também compõe o rol dos princípios ético-políticos do serviço social, e como tal, vem constituindo as diretrizes do trabalho desenvolvido pelo “Luz, Câmera, Ação”.

Vale destacar o compromisso profissional de vincular-se ao processo de construção de uma nova ordem societária, sem dominação e exploração de classe, gênero e raça e etnia, bem como o exercício profissional sem ser discriminado nem discriminar por questões de inserção de classe, gênero, étnico-raciais, orientação sexual, idade etc.

Em suma, diante dos princípios ético-político norteadores do serviço social brasileiro, acreditamos que as oficinas sobre racismo realizadas junto às idosas do Programa Renascer foram atividades que contribuíram na desconstrução do racismo, e na possibilidade de não apenas as idosas, mas todas aquelas que tiveram a oportunidade de participar, de se tornarem agentes multiplicadoras da construção de uma sociedade verdadeiramente livre e emancipada de todas as formas de preconceito e discriminação, sobretudo àquelas que dizem respeito à diversidade étnico-racial.

## Referências

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras**: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

PRADO Jr., Caio. **História econômica do Brasil**. 30ª ed. São Paulo: Brasiliense, [1945] 1984.

SAFFIOTTI, H. I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987

SAMPAIO, C.R. L. **O haitianismo no Brasil e o medo de uma onda revolucionária** In Anais do X Colóquio de História da Universidade Católica de Pernambuco – Escravidão, Abolição e Pós-Abolição, 2016.



# RAÍZES E RUMOS

Revista da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura - PROEXC

ISSN: 2317-7705 online  
ISSN: 0104-7035 impresso



LIMA, M. e VALA, J. **As novas expressões do preconceito e do racismo.**  
Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n3/a02v09n3.pdf>. Acesso em 03/04/21.